O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 37.º — N.º 1876

Sábado, 17 de Fevereiro de 1945

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 35
Comp. e Imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Procissão da Cinza

Não saiu na quarta-feira por à hora da organização do cortejo se haver modificado o tempo, começando a cair uns arremedos de chuva. Juntou-se, ainda assim, bastante gente de fora, que imprimiu animação à cidade.

Vandalismo

Algumas arvores recentemente plantadas na Avenida Araújo e Silva acabam de ser cortadas á navalha! Quem seria o selvagem? Se algum dia fôr descoberto não deixem de lhe dar o prémio que merece...

Dr. Jaime Duarte Silva

A sua morte consternou profundamente Aveiro, tendo-se todo o distrito feito representar no funeral por muitas individualidades de destaque

A NOSSA HOMENAGEM

Quando em 27 de Fevereiro de 1898—vai fazer 47 anos—saiu nesta cidade o 1.º número do *Jornal de Aveiro*, semanário republicano editado pelo dr. Jaime Duarte Silva, com banca de advogado na Rua do Sol, foi um acontecimento porque o jovem bacharel em Direito se revelou, desde logo, um polemista vigoroso, um combatente audaz e destemido. Fomos dêsse periódico também colaboradores, recordando-nos, até, de termos ido ao Pôrto representá-lo a quando da passagem do 8.º aniversário da revolta de 31 de Janeiro, cuja comemoração atingiu, excepcionalmente, um alto significado político.

O *Jornal de Aveiro* suspendeu ao terminar o primeiro ano de luta para mais tarde aparecer outro semanário, igualmente fundado por Jaime Duarte Silva, mas com orientação diferente, pois se dizia monárquico e seguia a política de João Franco, que se havia desligado do conselheiro Hintze Ribeiro para organizar o chamado *Partido Regenerador Liberal*. Intitulava-se *Beira-Mar* e nele o dr. Jaime Silva se expandia, encarando, sob outro aspecto, os casos e as coisas da época, que nós, os republicanos, combatiamos. De aí o corte das nossas relações, que se estendeu por alguns anos e só foram reatadas sob a vigência da República, concorrendo para isso, de-certo, a lealdade com que nos haviamos portado como adversários. E' que o dr. Jaime Silva era assim: impulsivo, mas magnanimo, depois de reflectir.

O Partido Regenerador Liberal não teria tido a fôrça que teve em Aveiro se não fôra êle.

Talentoso advogado, então com uma clientela extraordinaria, o seu pêso político marcou no país. Aqui foi eleito para a Câmara Municipal e exerceu os logares de comissário de polícia e de governador civil, tendo principalmente em vista o prestígio do chefe. Desinteressado ao máximo, se não morreu pobre, também não fez fortuna a-pesar-de ter trabalhado muito—mais do que devia. E, depois, no capítulo esmoler, ninguém o excedeu em Aveiro. Ninguém! A sua bolsa estava sempre aberta para proteger os necessitados. Foi um grande amigo dos pobres, dos infelizes, de todos os atingidos pela desventura. Tinha defeitos? Quem há que os não tenha? Excedia-se muitas vezes na apreciação de factos, criticando ou cênsurando, ou emitindo opinião errada? Era, porém, um justo e as suas virtudes davam logar a que lhe fôssem perdoados os seus arrebatamentos — quantas vezes? — impensados. Pode dizer-se que todo o distrito sentiu a sua morte, indo nós até mais longe: em todo o país ela teve repercussão porque o dr. Jaime Silva brilhou no fôro, conhecendo-o a maior parte dos tribunais como causídico de superior quilate. Aveiro perdeu, portanto, mais um dos seus melhores valores e nós um dos bons amigos, pois o encontramos a nosso lado em horas de dura provação a ajudar a remover as dificuldades criadas por uma perseguição acintosa com o intuito de nos aniquilarem.

Não deixou o dr. Jaime Silva o nome ligado a obras materiais de vulto; todavia deixou um nome que dificilmente se apagará, visto ter concorrido muitas vezes com o seu prestígio para serem conseguidos alguns benefícios que Aveiro está disfrutando e são considerados de alta valia. De aí o *Democrata* acompanhar o luto da cidade pela perda do homem, pequeno no corpo, mas grande no espírito, no talento e na alma.

Curvamo-nos perante os seus despojos mortais. E ao prestar-lhe a homenagem a que tem jus pela maneira como se distinguiu no fôro, na política, que serviu com desinterêsse em campos opostos ao nosso—acentuemo-lo—e ainda porque foi no meio social aveirense uma figura de destaque, aqui ficam estas linhas de justiça e de reconhecimento a quem disso é merecedor na hora extrema.

DR. JAIME DUARTE SILVA

O FUNERAL

Foi duma grandiosidade rara o enterro de Jaime Silva. Centenas e centenas de pessoas, vestindo rigoroso luto, o acompanharam à última morada. Saiu da sua residência da Rua do Sol às 17 horas, depois dos seus colegas advogados e juizes da comarca terem velado o cadáver durante algum tempo. Pode-se dizer que tudo quanto há de mais representativo em Aveiro, no concelho e no distrito se encorporou no cortejo. Logo atraz da urna, com a chave, e acompanhado do sr. dr. Cirne de Castro, governador civil, o sr. dr. José Alberto dos Reis, presidente da Assembleia Nacional, que fôra condiscípulo do extinto. O resto era multidão, que atravessou as ruas do trajecto onde outra multidão abriu alas, com lágrimas nos olhos, à passagem do féretro.

Algumas representações:

Dr. Egas Moniz, pelo dr. Guilherme Souto; Conde de Azevedo e deputado Acácio Mendes, pelo dr. Querubim Guimarães; dr. Elmano Cunha e Costa, por António Osório; dr. Alfredo Coelho de Magalhães, pelo dr. Custódio Patena; Conde de Agueda, pelo dr. António Peixinho; dr. Manuel Pessoa, pelo dr. Agostinho Fontes; dr. Artur Navega e dr. Carlos Carvalho, pelo dr. Ernesto Guedes Pinto; dr. Bernardino de Albuquerque e dr. António de Pinho, por Alfredo Esteves; Augusto Bagão, major David Nunes, Lino Cardoso de Oliveira e dr. Aníbal Beleza, pelo dr. Alberto Souto; eng. José Barata, pelo dr. José Gamelas; Augusto Machado, por António Piçarra; Alberto Pinto Basto, por Antero Duarte.

NO CEMITÉRIO

Jaime Silva, apercebendo-se, pelo decorrer da doença, que a vida não se lhe podia prolongar muito, escreveu: *quero que me enterrem na terra, próximo da capela onde estão os meus; o funeral será feito com a maior simplicidade e economia e quero ir vestido com a minha roupa de uso e com a minha toga.* Respeitada a sua vontade, antes de baixar à cova, foram proferidos alguns

DISCURSOS

o primeiro dos quais pelo seu colega e amigo,

Dr. Querubim Guimarães

que em nome dos advogados da comarca proferiu sentidas palavras de despedida, pondo ao mesmo tempo em relêvo as qualidades do morto ilustre, com quem manteve as mais estreitas relações de amisade desde que ambos frequentaram a Universidade de Coimbra. Falou dos seus méritos e dos seus triunfos forenses, da sua vida pública e do seu amor a Aveiro, terminando comovidamente a sua oração cheia de mágua, repassada de sentimento.

Seguiu-se o sr.

Desembargador Melo Freitas

que se exprimiu dêste modo:

Senhoras e Senhores:

Concluida a minha formatura, há quási 38 anos—como o tempo passa!— desempenhei nesta comarca o cargo de sub-delegado do Procurador Régio.

Depois disso convidou-me o dr. Jaime Silva para trabalhar no seu escritório, e assim foi, até eu seguir para S. Tomé, como delegado do Procurador da Corôa e Fazenda, em Janeiro de 1910.

Tal prova de estima, os benefícios recebidos pelo bacharel ainda sem rumo definido e o carinho com que sempre me tratava a senhora D. Joana de Morais, mãe do meu ilustre amigo, cativaram me para sempre.

E foi também desde então que fiquei melhor conhecendo e apreciando a bondade do dr. Jaime Silva, a cuja porta nunca vi que qualquer pobre ou infeliz batesse sem que fôsse largamente socorrido ou amparado.

Deixando a magistratura das Colónias,—porque me diziam que eu, filho único, não tinha o direito de dar a meu Pai o desgosto do afastamento por tão longinquas paragens—, ingressei, em 1913, na magistratura da metrópole.

De novo no continente, constituí um fôro, que satisfiz pontualmente: todos os anos visitei o dr. Jaime Silva no dia de Natal.

Não lhe frequêntava a casa, mas nesse dia era infalível!

Decorreram muitos anos, e lá estive eu em 25 de Dezembro de 1944. Mas outro Natal não haverá em que possa tornar a ver o meu amigo...

Perdoai-me, por não ficar hoje em silêncio: venho fazer pública e solene remissão daquele fôro.

Senhoras e Senhores:

Folheando casualmente certa história da filosofia, leio que Voltaire disse que é preciso que se tenha o diabo no corpo para que se triunfe em qualquer arte, estando admitido por críticos e por inimigos de Voltaire que êste possuia integralmente tal requisito. *Il avait le diable au corps.* Ele era um homem *a quem o inferno conferira todo o seu poder.*

Não lhe faltavam, pois, gravíssimos defeitos, mas (e agora transcrevo) *êsse mesmo Voltaire foi infatigavelmente bondoso, dedicado, pródigo de sua energia e de sua bolsa, tão pronto a auxiliar os amigos como a esmagar os inimigos, capaz de matar com uma penada e sentindo-se desarmado à primeira iniciativa de reconciliação — tão contraditório é o homem!»*

Contradições dessa natureza constituem insondável mistério da alma humana. Com o citado exemplo não pretendo, claro é, estabelecer confrontos, mas apenas lembrar que na obra do supremo creador de todas as coisas, a par de sublimidades que nos enternecem, existem fraquezas que mal se explicam e nos chocam.

Quero supôr que estas sejam por influência do demónio...

Jaime Duarte Silva merece-me profunda saüdade. Se m'o permitem, direi: *merece a nossa profunda saüdade.*

A generosidade do seu coração e o devotado amor a esta terra podem bem contrapor-se ao excesso das suas exaltações irreflectidas, que se dissipavam como fumo logo que aquele seu coração falasse.

Adeus, caro amigo.

Paz à tua alma.

Seguiu-se o sr.

Diniz Gomes

O ex-presidente da Câmara do visinho concelho de Ilhavo, disse:

Meus senhores:

Tem, pouco a pouco, ido a desaparecer nesta boa terra de Aveiro, onde a minha mocidade passei, alguns dos homens a quem o Destino, em seus desígnios, marcou lugares de relêvo na trajectória acidentada da vida, onde, a cada passo, tantas vezes encontramos as mais negras ingratidões e não merecidas injustiças.

Esse desaparecimento doloroso de valores reais, abre clareiras precárias e irreparáveis que se refletem em cheio na vida política e intelectual da cidade, projectando-se, ainda, no convívio das relações sociais o culto de afectos que aproximam os homens, retemperando-lhe os espíritos e avigorando-lhe os corações.

Assim, meus senhores, não é sem um profundo desgosto e uma grande comoção que nós, os afectivos e os sentimentais por natureza atávica, vemos desaparecer para sempre aqueles homens assinalados, especialmente quando merecemos a sua estima e gosámos a sua camaradagem.

A mim, de-certo por efeitos resultantes da minha idade, e porque o ânimo me fraqueja, o coração perde o ritmo e o braço já vacila, a mim, o tombar na sepultura num adeus derradeiro à vida, à luz, ao som e à côr, que Deus criou e alenta, impressiona-me tão profundamente, abala-me por forma tal, que eu me sinto sem coragem para afrontar êsses rudes golpes, e só um grande esfôrço me dá alento para tomar parte nas homenagens como a que hoje aqui prestamos.

Mas, eu não podia ficar calado, por forma alguma, nesta hora triste que estamos vivendo. O meu silêncio seria uma má e imperdoável acção.

E, se alguma coisa eu quero e devo dizer, deixem-me que na velada dolorosa dalguns aveirenses falecidos, eu recorde com ternura e saudade os nomes queridos dalguns rapazes da minha geração académica, todos êles bons e leais amigos, tais como os doutores Joaquim e Lourenço Peixinho, Comandante Rocha e Cunha, doutor André dos Reis e hoje o doutor Jaime Duarte Silva.

Todavia, meus senhores, e sem desdouro para a memória de nenhum dos invocados, eu quero pôr em primeiro e saliente lugar, o nome prestigioso e querido do doutor Jaime Duarte Silva.

E' que, no decorrer de muitas dezenas de anos—quási uma vida inteira!—nós estivemos num contacto espiritual permanente, vivendo horas de alegria e de tristeza, comungando as mesmas opiniões, trabalhando com denodo em prol de ideais alevantados, e animados pela mesma fé de bem servir a comunidade e em espe-

Em 17, 18 e 19, no Teatro Aveirense
— A Visinha do Lado —

cial, as nossas terras, êle, o seu amoroso Aveiro, eu, o meu querido Ilhavo, duas terras amigas que se tocam e confundem em suas periferias, quási parecendo um só burgo, pelo seu aspecto urbano, características de trabalho, afinidades etnicas, pelos seus hábitos e costumes domésticos, pelas suas crenças religiosas, pelas seus defeitos, pelas suas virtudes, pelas suas paixões, pelos seus caprichos e anseios.

Esse conjunto de circunstâncias e global de sentimentos, ainda agora se manifestou perante a morte dêste aveirense ilustre.

Quando ontem, às primeiras horas do dia, se propalou a triste nova, a população da cidade, em sua desculpável confiança, repetiu:

—Morreu o doutor Jaime!

Pouco depois, em Ilhavo, que as más novas correm celeres, a gente modesta e simples, mas sempre boa, acolhedora e reconhecida da minha terra, murmurava assim, exteriorisando a sua dôr e o seu sentimento:

—Morreu o senhor doutor Jaime!

Poucas vezes, aquela palavra *senhor*, terá tido um significado tão oportuno e uma expressão tão justa.

E, assim é, que eu não venho hoje aqui sòmente pronunciar estas palavras em meu nome individual.

Não!

Eu venho, também, trazer as homenagens dum povo a um homem que entre êle gosava da maior popularidade e simpatia.

Sim, meu querido Jaime! Eu nunca poderei esquecer-te, porque fora do ambito amoroso da minha família, tu foste o meu mais sincero, devotado e leal amigo.

Provaste-lo ainda há poucos dias, já quando a morte te rondava a porta, ao receberes com lágrimas de contentamento a boa notícia da reparação que eu acabava de receber em desagravo duma injustiça de que fôra vítima.

A minha terra, êsse Ilhavo buliçoso, heróico e temerário, que tantas vezes visitavas, também não poderá esquecer-te, porque eu sei bem quanto de valioso te devem muitos dos seus filhos, a quem protegeste desinteressadamente, poupando-os a amarguras, vexames e castigos!

Por tudo isso, bom amigo, Deus te dê a seu lado um lugar de eleição, que bem mereces.

Por último falou o sr.

Dr. José Alberto dos Reis

para interpretar o sentimento dos seus condiscipulos na hora em que ia desaparecer da cêna da vida aquêle que embora não se tivesse distinguido como estudante, se elevou, todavia, por outros dotes que o tornaram conhecido e apreciado em todo o país. O orador, que, durante o seu discurso, sofreu perturbações a ponto de ter sido necessário ampara lo, rematou-o com palavras de saudade e de amargura.

E aqui terminaram as homenagens ao douto advogado que nós hoje pranteamos, procedendo-se, em seguida, ao enterramento, de conformidade com os desejos manifestados, ficando a campa logo coberta de flores, orvalhadas com as lágrimas de quantos lhas ofereceram rennidas em formosos ramos.

O dr. Jaime Duarte Silva contava 70 anos. Era casado, em segundas núpcias, com a sr.ª D. Luisa Duarte Silva e pai das srs.as D. Maria do Céu Duarte Silva de Almeida, esposa do sr. Horácio de Almeida; D. Adelaide Duarte Silva Gaspar, esposa do sr. capitão João José Gaspar, da guarnição de Elvas; D. Maria Joana Duarte Silva Peixinho, esposa do sr. João Eugénio Peixinho, residente na capital; e dos srs. dr. Bento Duarte Silva, delegado do Procurador da República em Ponte do Lima, e Albano Duarte Silva, regente agrícola em Coimbra; e ainda padrasto dos srs. drs. Ernesto Pinho Guedes, médico na mesma cidade, e Carlos de Pinho Guedes Pinto, consul de Portugal em Bilbao, a quem reiteramos as nossas sentidas condolências.

Manifestações de pesar

A casa do extinto e dirigidos à família teem chegado um número elevadíssimo de telegramas, cartas e cartões a lamentar o triste desenlace, tendo sido um dos primeiros o do sr. Bispo de Leiria, condiscípulo do pranteado morto, a comunicar, também, que celebraria missa por sua alma, mostrando-se consternadíssimo. Mais alguns de que nos foi dado tirar nota:

De Lisboa: dr. Mário Pais de Sousa, Conde de Agueda, dr. Branco de Melo, dr. Alvaro Ataíde, juíz Falcão Campos, Condessa de Taboeira, Artur Pinheiro, Viscondessa de Valdemouro, Armando Lucio Vidal, dr. Carlos Barbosa, Elio M. da Cunha, Evangelista Ramalheira, Martinho da Rocha, Francisco do Amaral Osório (Almeidinha), dr. Acácio Mendes, Bernardo Azevedo, dr. Mário Matias, dr. Egas Moniz, Eduardo Auçã, dr. Agro Ferreira, Francisco Hipólito, Filipe d'Almeida d'Eça, Manuel Machado, D. Maria Luisa Machado, Tavares da Silva, dr. Júlio Homem Cristo, dr. Elmano da Cunha e Costa, dr. Barbosa de Magalhães, Carlos Guimarães, Conde de Sucena, dr. Mário Rodrigues, Alexandre de Almeida, eng. Duarte Calheiros, José Júlio Duarte, Delfim de Almeida, Dias Filipe, Augusto Bagão, major David Nunes, António Pimentel, dr. António Homem de Melo, D. Maria Azevedo, Joaquim Morais Almeida, D. Adelaide Rocha e Cunha, Conde de Proença a Velha, D. Maria Homem Cristo, Manuel e Júlio Nunes dos Santos, cap. Mário Costa, Francisco Vilarinho, José Arrais, Manuel Serrão, Faancisco de Brito, D. Carolina Homem Cristo, António Pimentel, deputado Luís da Cunha Gonçalves, juiz Taborda da Costa, dr. Cezar de Sousa Mendes, ministro plenipotenciário, Judice Biker, coronel Oliveira Simões, Conde de Campo Belo, presidente do Tribunal da Relação de Lisboa, dr. Diogo Couceiro da Costa, secretário do Conselho Superior Judiciário de Lisboa.

Do Porto: Dr. António Luís Gomes, Carlos Dias Costa, Camilo Cimourdaim, dr. Marques da Silva, Fernando Couceiro da Costa, dr. Nuno Simões, Armando Pinto, dr. Mendes Corrêa, João Pinto Basto, José Figueirinhas, António Calheiros, João Azevedo, Carlos Mendes, dr. Abílio Mesquita, cap. Jeronimo Montenegro, Jorge Dias Costa, cónego Ferreira Pinto, D. Maria Sarmento, cap. Henrique Costa Gomes, Diogo Sarmento, Bessa Ribeiro, Mariano Carvalho, dr. Alberto Ruela, juiz Couceiro da Costa' dr. Figueiredo Dias, dr. Oliveira Lima, juiz António Maria Gonçalves Ferreira, coronel Alexandre Van Zeller, dr. Alfredo de Morais d'Almeida, dr. Costa Pinheiro, dr. Fernando Alves de Sousa, dr. António Pinto de Mesquita.

De Coimbra: Dr. Maximiniano Corrêa, Alfredo Faria, D. Leonor Novais, Martins de Castro, dr. Rocha Madafl, dr. Fernando Lopes, dr. Mendes Calisto, Francisco Ferreira, dr. Assis Teixeira, Mário Raposo, major João Tavares, José Maria Coelho, dr. Alberto Costa, dr. Ferreira da Costa, Augusto Albuquerque, Francisco Moura, João Matoso, José Patrão, Avelino da Cruz, José Maria Simões, FranciscoAbelha, Condido Godinho, Luciano Amaral, Viscondes de Ribamar, Cruz Amante, Pinto Marques de Sousa, António Melich, Lazaro Monteiro, Santos Moita, Cap. Pina Cabral, Vitorino Pericão, Sousa Girão, João de Sousa, Abel de Faria, Adriano Ferreira da Cunha, Almeida Deveza, Mateus Mendes, Frazão Baptista, Manuel de Barros, dr. Raul de Freitas Araújo, dr. José Sarmento, José Amado, António Torres, Marcolino Matos, José Caramêlo e Fábrica Santa Cruz, L.da.

Doutras localidades:

Dr. Amador Valente, dr. Aníbal Beleza, de Oliveira de Azemeis; dr. Jaime Ferreira, dr. Bernardino de Albuquerque, dr. António de Pinho, Armando de Albuquerque, de Albergaria-a-Velha; José António Sá e Melo, Gouveia; Vitorino Ferreira, Viana-do-Castelo; dr. Manuel Pessoa, Lino Cardoso de Oliveira, Mário Roldão, Cantanhede; António Porto Carrero, Paredes; D. Maria Joana Patena, Seia; Manuel Pascoal, Matosinhos; José de Macedo Vasconcelos, Pessegueiro do Vouga; Virgílio da Silva, Leiria; Eduardo Câmara, Tavares de Sousa, dr. Guilherme Souto, Francisco de Almeida de Eça, Adriano Silva, Estarreja; dr. Diniz Severo, Jerónimo Mascarenhas, Carvalho e Silva, Eixo; dr. Gabriel Vieira, Gondomar; Duarte Vidal, Vagos; Conde de Azevedo e dr. Augusto Soares, Vizela; reitor Sá Pereira, Espozende; Dias Tavares, Pedro Rezende, Espinho; Gaspar Sameiro, Carcavelos; Tomaz de Sousa, Pardilhó; Atanásio Carvalho Pontes, cap. Roboredo, Vizeu; dr. Francisco do Vale Guimarães, Oeiras; Júlio da Costa Pinto, António Pinto Basto, Joaquim da Camara, Evora; D. António Louzã e D. Ana de Freitas, Paço d'Arcos; Augusto Decrooc, Bissau; padre António Alves, Domingos Silva, Mendes da Costa, Sangalhos; juiz Tovar de Lemos, Olhão; dr. Roberto de Oliveira, Guarda; eng. Francisco de Almeida por si e pela Companhia do Vale do Vouga; dr. Miguel Peres, Santo Tirso; Alexandre Lopes Morais, Luso; Estêvão Ventura, Algés; José Simões, Condeixa; dr. Oliveira Pinto, Vila Verde; Júlio Neves, Avanca; dr. Belchior da Costa e desembargador Corrêa Marques, Vila da Feira; dr. Raúl Lopes, Tomar; Lacerda Megre e Lobo e Silva, Arcos de Val de Vez; dr. Breda, Mealhada; D. Maria Augusta Barbosa Ferreira, Murtosa; João Alves Ribeiro, Costa do Valado; eng. Regala e Carlos Bilelo, Ilhavo; João Graça, Covilhã; tenente Júlio Gonçalves, Guarda; Ricardo Mieiro, Ovar; João dos Reis e Manuel Guimarães, S. Pedro do Sul; dr. António Breda, dr. Joaquim de Melo, Joaquim Tavares, Antero Cardoso, dr. Elísio Sucena, dr. Mateus Barbas, Agueda; brigadeiro Carvalho Viegas, Luís Pinto, major Freire de Menezes, cap. Francisco Frazão, comandante e oficiais de Lanceiros 1, coronel Coutinho de Castro, José Vitorino Mendes, cap. Castro Gomes, D. Maria Adelina, Gil Gonçalves, dr. Melo e Sousa, cap. Eduardo Soares, Elvas; Marquês da Graciosa, Conde Foz de Arouca, dr. Alberto Menano, Albano Ferreira, Mário Teixeira de Melo, Custódio da Silva Figueiredo, Adelino Mamede, Anadia; João Varela, Assembleia de Ponte de Lima, António Abreu Sampaio e Castro, professor Augusto Martins e funcionários da Secção de Finanças, Ponte de Lima; Moura Coutinho, Pedro Colares Pinto, Manuel Barroso, comandante da Polícia, Baptista Ribeiro, José da Costa. Adolfo dos Santos Cunha, António Peixoto, Francisco Carcavelos, Floriano Pacheco, Alexandre Magalhães, Braga e Sociedade Tondelense de Panificação, Tondela.

Por sua vez, a Câmara Municipal, na sua reunião de segunda-feira, e a Assembleia Geral dos accionistas do Banco Regional, efectuada no sábado, por proposta da Direcção a que se associou o Conselho Fiscal, aprovaram um voto de sentimento em presença do acontecido, tendo essa resolução sido transmitida à viuva do extinto. Este fez oferta ao Museu do retrato do ex-rei D. Manuel e duma colecção de corôas da monarquia, que possuia, e bem assim dos retratos em faiança de João Franco, Aires de Ornelas, João de Deus, Guerra Junqueiro e Rodrigues de Freitas.

Bailes no Teatro

—o—

Deixaram muito a desejar, por falta de concorrência e de animação, os que se realisaram depois das sessões de cinema, no palco e salão nobre do Teatro Aveirense.

Oxalá que para o ano as coisas se modifiquem, de forma que todos se divirtam à farta.

Conselho Municipal

Realizou-se no dia 15 a sua primeira reunião dêste ano, a-fim de ser apreciado o relatório da gerência do ano findo, que foi aprovado por unanimidade.

Também aprovou, ficando exarado na acta, votos de sentimento pelos antigos presidentes do município, srs. drs. André dos Reis e Jaime Silva.

Nova casa comercial

Abriu domingo, no Porto, destinando-se à compra, venda e hipoteca de propriedades, uma nova casa deste ramo de comércio, que gira sob a firma de *Apolónia & C.ª Ld.ª* e da qual fazem parte os srs. Joaquim Macêdo Vieira, muito conhecido nesta cidade onde constituiu família, Domingos Ferreira Apolónia e Júlio Marques Correia, que ali têm exercido a sua actividade.

Fica situada na Praça da Batalha, 137-3.º, tendo ás suas instalações e à nova sociedade tecido os melhores louvores a imprensa daquela cidade.

Desejamos-lhe as máximas prosperidades.

As vinhas

O *Grémio da Lavoura* avisa os proprietários que requereram plantações, reconstituições ou transferências de vinhas, posteriormente ao dia 15 de Abril do ano passado, que os requerimentos só serão considerados na próxima campanha de vistorias, a partir de igual data do corrente ano.

Incorrerão nas sanções da lei os que transgredirem o que foi estabelecido.

Perda de um colar

No Pavilhão do Rossio e durante o baile infantil realizado na terça-feira, perdeu uma miuda um colar de prata dourada, de bastante estimação, constando que foi encontrado por outra miuda, de quem se ignora o nome e a família. Pede-se a esta, por favor, para o entregar à Direcção do Club dos Galitos.

Crónica alfacinha

MULHERES JAPONESAS

Em torno da mulher japonesa tem-se tecido as mais diversas lendas e inventado as mais extraordinárias histórias.

De facto, ela deve ser estudada com minúcia, pois pode servir de exemplo a muitas ocidentais.

Desde creança, é habituada ao culto do belo, especialmente à beleza própria, que as *zeishas*, professoras de arte feminina, lhe administram com perfeição, bem assim como a maneira de agradar ao marido.

O maior elogio que um homem pode dar a sua esposa é dizer-lhe que é tão encantadora como uma *zeisha*, diz-nos Uptonclose no seu *Vanity Fair*. E' também esta espécie de mulheres que os salões de chás convidam para servirem e alegrarem os clientes, e os homens do estado encarregam de ir esperar altas individalidades que chegam ao seu país.

Logo que é donzela, a preocupação das jovens japonsas é a indumentária e os adornos. Para elas são tecidas as mais caras rendas, bordados os lindos keimonos e executados os enfeites preciosos que tanto realçam a sua mocidade e frescura. Para o seu banho se fervem plantas aromáticas, das corolas se extraem finos perfumes e cêras mágicas, para que a sua carne seja uma flor despertando o apetite masculino. Há hábeis cabeleireiros, e para que o cabelo se não estrague, a almofada da cama é substituída por uma fôrma de madeira, forrada de algodão e coberta de seda vistosa, onde pode repousar a cabeça sem prejuizo do penteado. Nos arranjos são tão minuciosas que chegam a levar quatro ou cinco horas em frente dum espelho antes de sairem. As mais pobres fazem serão, arranjando, transformando e adornando os velhos vestidos e sapatos para poderem apareeer no dia seguinte em festas publicas, sem merecerem qualquer censura. Mas não é só o seu corpo o alvo de todas as atenções. Para elas o aceio da casa vale tudo. São extremamente limpas e arranjadas. Duas vezes por ano alguns inspectores visitam os lares japoneses e passam um certificado de limpesa que as donas conservam pendurado em sítio bem visivel até à nova visita. Parece inacreditável, como havendo tantos milhares de pobres no Japão, não se veja o espectáculo repugnante de casas mal cheirosas e maltrapilhas.

Além disto, as mulheres orientais rodeiam-se de flores que elas próprias cultivam e de livros por onde estudam. As pereiras, laranjeiras e outras arvores de fruto são plantadas não só com o fim de servirem para alimento mas sim com o de se lhe aproveitarem as flores para adornos do cabelo e colo e do lar.

Em literatura não são inferiores ao homem e os mais célebres volumes japoneses foram escritos por mãos femininas. Os *Hokku*, poemas japoneses escritos por mulheres, ficaram célebres no mundo, e o conto *Genji*, feito pela senhora Murasaki-Ghikilu, é uma verdadeira joia literária, traduzida em várias linguas.

A musica, também desperta a alma deste povo e por isso não é raro ver um piano nas casas remediadas onde as suas donas tocam com perfeição Beethoven ou Mozart.

Ninguem como elas conhece a combinação das côres, os tons e os caprichos dos desenhos. Um quadro, pintado ou bordado por uma japonesa, é digno de admiração.

Os homens teem tanta vaidade nas esposas que dizem muita vez:

—As nossas companheiras são a flor da civilização; oxalá nunca sejam contaminadas pelas ideias ocidentais, conta ainda Uptons Close.

Parece que foi a senhora Pan, dama chinesa da dinastia Han e favorita dum imperador, que sendo repudiada da côrte, se lançou a fazer o tratado da educação da mulher japonesa, assente em tão sólidas bases que por ele se tem guiado as gerações até à actualidade.

Will Adanns, retido neste país por Tokoga, fez se rodear de raparigas da terra e de tal maneira ficou encantado com a sua graça que a apregoou enquanto pôde por tôda a parte.

Ainda sobre os costumes femininos do Japão, Pierreloti escreveu maravilhas no seu famoso livro «Madame Chrisanthéme» e outros escritores modernos teem dito algo de interessante. Wenceslau de Morais, conta-nos coisas extraordinárias da alma e dos costumes japoneses. Ele conheceu e admirou tanto êste povo que se converteu à sua religião e lá casou. Nos seus livros descobrem-se os mais intimos recantos japoneses e como que uma onda de perfume e uma longiqua visão de belo nos envolvem ao lê-los.

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

À margem da guerra

APÓS UMA DURA OFENSIVA DE FOGO DE BARRAGEM, OS TANKS ALIADOS SHERMAN, PROSSEGUEM NO SEU AVANÇO, PARA O INTERIOR DA FORTALEZA GERMANICA

Campanha de Paz

Uma vez mais a frota bacalhoeira portuguesa se apresta para a largada, em busca de alimento para milhões de portugueses, obtido entre gelos e sacrifícios nos mares da Terra Nova e da Groenlândia.

No dia 15 sairam do Tejo os primeiros dois arrastões, sendo seguidos de outros dois no dia 30. Os veleiros, por sua vez, reunir-se-ão no pôrto de Lisboa em fins de Abril, onde ultimarão os seus preparativos para se fazerem ao largo em princípios de Maio.

São os trabalhadores portugueses do mar que retomam a sua faina, cada ano em maior número e com mais pronta decisão, em cada campanha mais incondicionalmente dispostos a queimarem energias e sacrificarem a comodidade da terra firme, para que à nossa mesa não falte uma das bases tradicionais da alimentação portuguesa.

E justo é salientar como o Estado, em nome de nós todos, salvaguarda os interêsses da comunidade, tem tomado nos ultimos anos quantas medidas se mostram susceptíveis de facilitar o trabalho da pesca, aumentando a eficiência dos esforços dispendidos, e melhorando as condições de trabalho dos pescadores.

Por um lado, os estaleiros não param de construir novas unidades e introduzir nas antigas beneficiações importantes, aumentando, de ano para ano, o montante de navios destinados à pesca do bacalhau. Por outro lado, os organismos corporativos a quem cabe velar pela dignificação do trabalho e pela salvaguarda da segurança das condições de vida dos trabalhadores, não se detêm na consecução de novas garantias para os homens embarcados nos lugres bacalhoeiros.

E' a compreensão e a correspondência lógica e justa do Estado, em nome da colectividade nacional, ao espírito de sacrifício, à decisão, ao devotamento em prol do comum, dêsses nunca suficientemente galardoados obreiros, que são os trabalhadores do mar, em nosso interêsse arrostando com a fúria dos elementos e com a dureza duma vida que é uma epopeia digna dos maiores louvores.

S. P.

Pelo teatro

Anuncia-se para o dia 3 de Março novo espectaculo pelos amadores da Fábrica Aleluia, sendo este organisado pelas duas corporações de bombeiros.

E' nova enchente, pela certa.

Sopa dos Pobres

Pelo sr. Viriato do Bem, com talho na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, foi oferecido um leitão á *Sopa dos Pobres*.

Bem haja.

Club Mário Duarte

A Direcção desta colectividade promoveu durante o Carnaval algumas diversões no Pavilhão Municipal do Rossio, em que tomaram parte muitos sócios e famílias.

Apareceram alguns trajos próprios da época, principalmente na *matinée* infantil que se realizou no domingo gordo.

Agradecemos o convite oferecido ao *Democrata*.

"Os Mários,,

Uma boa notícia a todos os Mários. Por iniciativa de um Mário, está em organização o seu grupo, a que muitas centenas de homónimos já deram a sua adesão.

A ideia é excelente, dados os fins a que a sua constituição obedece e à simpática e inteligente vantagem de todos se coligarem numa assistência mútua, pois que a sua divisa é *Os Mários por todos os Mários*.

Devem todos os Mários dêste concelho acorrerem a inscrever-se no seu grupo, podendo enviar a sua inscrição para a Comissão Pró-Grupo *Os Mários*, Rua Carvalho Araújo, 76-3.º, Esq.—Lisboa.

Está já constituida a comissão fundadora, que muito em breve vai promover uma assembleia magna, de que dará conhecimento a todos os Mários por intermédio da imprensa de Lisboa e Porto e dêste jornal.

Agradecimento

A familia do falecido Porfírio Simões Machado agradeceu já a todas as pesoas que enviaram pêsames e acompanharam o extinto à ultima morada; mas receando qualquer falta involuntária, vem repard-la, aproveitando o ensejo para a todos manifestar o seu profundo reconhecimento.

Aveiro, 11 de Fevereiro de 1945

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Maria Marques Rodrigues e Morgado, professora oficial em Alqueidão (Figueira da Foz), o nosso amigo Ramiro Dias e o filho Marly, do sr. Francisco dos Santos Silva, residentes no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil); ámanhã, a sr.ª D. Idalina Branca Pinto da Silva, esposa do sr. Antero Monteiro da Silva, e o académico Celso Peres Jorge, filho do nosso amigo José dos Santos Jorge, guarda-livros no Pôrto; no dia 19, a sr.ª D. Maria Estela Pereira Ferreira, esposa do sr. Carlos Ferreira, comerciante em Viseu, e o sr. Manuel da Silva, residente em Lisboa; em 20, o menino Mário Carlos Gomes Gamelas, filho do sr. tenente-coronel Amilcar Mourão Gamelas, de Infantaria 10, e os srs. Luís dos Santos Veiga e Amadeu Rodrigues da Paula, vianjante duma drogaria do Pôrto; em 21, o sr. Henrique dos Santos Rato; em 22, o sr. Eugénio Couceiro, negociante em Sá da Bandeira, (Africa Ocidental) e em 23, a sr.ª D. Rosa de Matos Gonçalves, esposa do sr. Abel Gonçalves, de Esgueira.

Casamentos

Na igreja de Tamengos efectuou-se no último sábado o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Guilhermina Santa Clara de Faria Roby, interessante filha da sr.ª D. Maria do Céu de Paiva Couceiro Santa Clara Charula de Melo e do falecido tenente-aviador Alvaro Roby, com o sr. Vasco Germano da Fonseca Dias, filho da sr.ª D. Sofia Pereira da Fonseca Dias e de seu marido o sr. António Germano da Fonseca Dias.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, sua mãe e padrasto o sr. major Fernando Alberto Pessanha Charula de Melo, de Cavalaria, e pelo noivo, seus pais.

Aos cônjuges, que seguiram para o sul em viagem de núpcias, desejamos um futuro perene de venturas.

Partidas e Chegadas

Partiu ante-ontem para a Nazaré o sr. tenente Barata de Lima, da Guarda Fiscal, que aqui esteve de licença.

—Estiveram nesta cidade as sr.as D. Marília da Rocha Pereira e D. Justina Vital, professoras, respectivamente, em Colmeias (Leiria) e Vila Chã (Arcozelo das Maias) e o sr. Joaquim de Deus Marques, residente em Lisboa.

Carta de Lisboa

A nova subvenção de 15%

Foi recebida com a maior e mais compreensivel satisfação, a notícia de que o Govêrno havia enviado à Assembleia Nacional uma proposta de lei, pedindo autorização ao Parlamento para, com os saldos das contas de 1944 fazer um aumento de 15% nos vencimentos de todos os funcionários e servidores do Estado.

Trata-se de uma medida da maior importancia que, embora prometida já no relatório do Orçamento para o ano corrente, não se esperava no entanto fôsse já realizada antes de apurados todos os saldos das contas de 1944. Este facto, ainda mais vem pôr em relêvo a sua significação, certo como é que ele reforça o interêsse com que o Govêrno cuida da situação dos funcionários do Estado, isto é, daquela parte dos que trabalham que depende unicamente de si.

Ante as dificuldades sempre crescentes da vida, mercê das condições criadas pela guerra, o Govêrno procurou minorá-las tanto quanto possível, visto não estar em sua mão fazê-las desaparecer por completo.

E' possível que, para as dificuldades da vida não falte quem ache pouco 15%, que, evidentemente, não tem ser o equilíbrio pronto e imediato de todos os orçamentos particulares, não vem ser a varinha mágica do condão que traga por milagre o desaparecimento de todas as complicações da hora presente.

A êsses, porém, aconselhamos ponderem que 15% agora com os 20% já concedidos prefazem uma soma que é, na sua totalidade, tudo ou quási tudo o que as disponibilidades financeiras e económicas de um Estado como o nosso, que está longe de ser rico ou abastado, comportam.

A mais disso, no caso presente, o Estado ainda foi mais longe do que no suplemento de 20% com que aumentou os ordenados no passado ano. E' que na actual proposta de lei o Govêrno pede também à Assembleia Nacional autorização para aumentar o subsídio à Caixa Geral das Aposentações de forma a poder também aumentar as pensões dos reformados e aposentados.

Quer dizer: aquela medida que durante tanto tempo foi reclamada e todo o país sabia seria atendida na altura própria já o Govêrno pôs em prática graças à nova proposta de lei.

Assim, de novo se afirma o interêsse com que na Revolução Nacional se cuida da situação de quantos trabalham.

O acôrdo da medida é, em si mesmo, tão evidente e claro que desnecessário se torna pô lo em relêvo. Registá-lo, chega sobejamente para que ele tenha jús ao agradecimento unânime.

A coordenação dos transportes terrestres

A nova proposta de lei sobre coordenação dos transportes, é mais uma prova da forma como o Govêrno de Salazar está preparando o país para quando terminada a guerra, Portugal poder ocupar o lugar que lhe pertence no concerto das nações.

Chama-se a isto a sábia e certa política da paz, feita por quem tem sabido salvar-nos da Guerra.

CORDEIRO GOMES

NECROLOGIA

Faleceram: nesta cidade, Alexandre Pereira, casado, de 64 anos, natural de Coimbra, e Manuel Carlos Fortunato, viúvo, de 80; em *S. Bernardo,* António Fernandes da Cruz, casado, de 66, e na *Póvoa do Paço,* Maria Rosa da Silva, viúva, de 81.

Correspondências

Esgueira, 13

Com 64 anos, finou-se, há dias, o sr. António de Sousa, pertencente à briosa classe dos sargentos.

Achava-se agora reformado, tendo servido, antes de passar à inactividade, na Guarda Republicana.

Natural do concelho de Fafe, era casado, deixou um filho, sr. Armando de Sousa, furriel de artilharia e no seu enterro, realizado civilmente, incorporaram-se alguns camaradas e outras pessoas das relações da família enlutada, a quem manifestamos o nosso pesar.

—Voltam a reunir, sábado à noite, os *folhetas*. Haverá ceia de confraternizaçãs, com brindes no final.

C.

Costa do Valado, 15

Faleceu na segunda-feira o sr. Manuel dos Santos Vendeiro, mais conhecido por Manuel Catarino, cujo funeral se realizou de tarde para o cemitério da Oliveirinha, com grande acompanhamento, incluindo a música de Fermentelos. Foram-lhe oferecidas algumas corôas por parentes e amigos, sendo portador da chave da urna o sr. Albino Peralta Estrela.

O extinto, que era um negociante muito estimado, contava 47 anos e deixa viuva, sem descendentes.

Os nossos pêsames à família.

C.

Emprêsa de Transportes da Ria de Aveiro

S. A. R. L.

AVEIRO—S. JACINTO

Telefone:—S. Jacinto 3

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

1.ª Convocação

Ex.mos Srs. Accionistas:

Em conformidade com o artigo 179.º do Código Comercial, convoco a Assembleia Geral Ordinária no dia 4 de Março de 1945, pelas 16 horas, na séde desta Emprêsa, em S. Jacinto com a seguinte ordem de trabalhos:

a) Discutir e votar o Balanço, Contas e Relatório da Direcção e parecer do Conselho Fiscal com referência ao exercício de 1944;

b) Alterar os Estatutos;

c) Votar o aumento de capital proposto pela Direcção.

S. Jacinto, 10 de Fevereiro de 1945.

a) Augusto Fernandes Bagão

EDITAL

Jaime Eloy Moniz, Engenheiro Chefe da Segunda Circunscrição Industrial, Coimbra.

Faz saber que Ulysses Pereira, L.ª, pretende licença para instalar uma fábrica de gêlo, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de barulho e trepidação, situada na Rua do Comandante Rocha e Cunha, freguesia de Vera Cruz, concelho e distrito de Aveiro, confrontando ao Norte com Rua Comandante Rocha e Cunha, Sul com terrenos da Companhia Aveirense de Moagens, Este com terrenos da mesma (futuras ruas) e a Oeste com trrrenos de Ulysses Pereira.

Nos termos do regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação e afixação dêste edital, podem tôdas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 8365, nesta Circunscrição Industrial, com séde em Coimbra, Avenida Sá da Bandeira n.º 111.

Coimbra e Secretaria da 2.ª Circunscrição Industrial, em 7 de Fevereiro de 1945.

O Engenheiro Chefe da Circunscrição,

Jaime Eloy Moniz

VISITAI O PARQUE DA CIDADE

Vende-se casa

Boa construção, antiga, na Rua Tenente Rezende, esquina da Praça do Peixe, com serventia para a Rua Trindade Coelho, devoluta, com bom armazém para pescado, 1.º andar, quintal e poço e mais outra pequena casa no bairro João Afonso. Ver e tratar com António Pinheiro, Rua do Arco—AVEIRO.

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	30$00
Semestre . . .	15$00
Colónias (Ano) .	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.